

QUARENTA E CINCO ANOS DA UNIVERSIDADE DA BAHIA
ANTECEDENTES E PRENÚNCIOS

Thales de Azevedo
Professor Emérito da UFBA
(Antropologia e Etnografia)

RESUMO

A comemoração da fundação da Universidade da Bahia há 45 anos impõe a necessidade de recordar os passos que desde o período colonial brasileiro antecedem e prenunciam aquele evento. Registram-se desde o século XVI esforços no sentido de dotar o Brasil, na Bahia, de uma Universidade. Primeira realização, no particular, foi a dos jesuítas, liderados por Manoel da Nobrega com o Colégio da Bahia, a Escola de Artes de 1572, seguindo-se o empenho da Câmara da Bahia, a meados do século sucessivo, pela criação de uma completa Universidade. Examinam-se neste discurso as frustradas tentativas e os debates sobre o assunto, até a efetiva instituição da Universidade da Bahia em 1941.

* Discurso na sessão de abertura das comemorações dos 45 anos da Universidade Federal da Bahia, em 4 de julho de 1991
Universitas, Salvador(40): 5-17, Jul./dez. 1991

Quinquênios e decênios são os momentos de comemorações de idades, de feitos, de lutas e reivindicações. Explíca-se, assim, que a Reitoria da Universidade Federal da Bahia, queira assinalar os 45 anos de sua criação e porfim pela realização de seus propósitos e programas, coincidindo infelizmente esta celebração com a grave crise e preocupação que atingem toda a Universidade brasileira. Assinalar uma data de implantação de sistema que prometia melhor cumprimento da tarefa da educação a nível elevado e especializado com a opção por métodos e meios mais avançados e de liberdade de discussão de seus próprios objetivos na autonomia dos órgãos componentes para com políticas e planos em vigor, não nega a solidariedade decidida à peleja atual por uma universidade autêntica, excelente em seu desempenho, liberta de constrangimentos estranhos às suas próprias concepções, voltada para o povo e a Nação, servida de meios e recursos adequados e oportunos. Daí que rememorar um instante auspicioso que se tem frustrado e agora padece suas maiores dúvidas, pode empreender-se até como gesto de solidariedade com os combates em curso.

Aquela foi uma data auspiciosa para a modernidade e o progresso na Bahia com a sucessão do antigo sistema de escolas superiores isoladas pela integração funcional do ensino avançado em institutos interrelacionados no quadro institucional da Universidade da Bahia. Veja-se que nem na lei nem no espírito se programava a rejeição completa do esquema anterior. Nas Faculdades, havíamos realizado bastante para as condições do meio provincial e mesmo nacional. A elas somos devedores de apuro notório na transmissão do conhecimento e na busca do saber, às vezes já em sentido por assim dizer universitário: desde pelo menos 1832, ao transitar de Escola profissional de cirurgia para uma Academia ou Faculdade de Medicina, aquela primeira instituição de ensino médico do País, implantada em nossa Capitania pelo Príncipe Dom João, regente do império lusitano de que participávamos como colô Universitas. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

nia e passaríamos, ainda sob seu governo, a Reino do Brasil, o mencionado instituto orientou-se no sentido de fazer da arte de curar um núcleo de estudos não apenas da doença mas do homem doente e da doença na sociedade. São evidências disso as teses inaugurais, de alunos que concluíam os cursos, e as Memórias Históricas de mestres que examinavam o trabalho levado a efeito periodicamente e a filosofia que norteava a aproximação do esculápio diante da enfermidade e do doente. Outra evidência veio a ser a formação da notável biblioteca com a reunião de obras de biologia e de técnicas terapêuticas junto com tratados filosóficos, sócio-antropológicos e éticos que condicionavam a aplicação daqueles meios aos fins da profissão ali estruturada. Quer dizer, o diagnóstico e o tratamento não se reduziam ao simplismo da identificação da enfermidade mas aprofundavam a visão do médico à situação social do enfermo no ambiente e a outras características. Foi a perícia dos práticos iluminada pela visão dos analistas, a que conduziam os cursos ministrados, que fez o renome da Faculdade entre as congêneres desde meados do século passado. Disto são exemplos Nina Rodrigues, Pirajá da Silva, Clementino Fraga, Arestides Novis. Criada muito mais tarde, a Faculdade Livre de Direito não se limitou ao estrito âmbito da lei escrita e positiva mas estendeu seu olhar percuciente aos condicionamentos do exercício do Direito num ensino inspirado na filosofia e na sociologia, numa carreira concluída como de ciências jurídicas e sociais, donde haver formado ao longo de seus gloriosos cem anos de trabalho não apenas juristas mas humanistas, poetas, críticos da literatura e dos costumes, filósofos, moralistas, alguns deles, Leovigildo Figueiras, Almachio Diniz, Orlando Gomes, Luis Viana Filho.

A fecundidade dessa abordagem tanto da doença quanto das questões jurídicas nesses principais institutos refletiu-se igualmente no trato superior da tecnologia das construções da casa, da estrada, da ponte e das calçadas, incor Universitas. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

porando também a seus meios, para a percepção da realidade, as lições da economia política e das ciências sociais, donde plasmar espíritos da categoria de Arlindo Fragoso, de Teodoro Sampaio, de Octávio Mangabeira, Américo Simas. Quiz a Bahia cedo dar atenção inteligente à aprendizagem das artes, inclusive da arquitetura, em uma Escola de Belas Artes pioneira no país.

Claro que não houve, nessas tomadas de decisões e de planejamento da preparação profissional a pretensão de uma prioridade, mas ao menos o sentido de uma adesão precoce aos programas de estudos e exercícios para o adestramento profissional. A idéia de reunir, as escolas, na universidade para o ensino e a pesquisa e a criação intelectual e espiritual, não vingara no Brasil em função de persistência do estado colonial e mesmo de resistência de concepções limitadas dos objetivos e das funções do ensino. Esse ôbices legais e teóricos ao estabelecimento da Universidade no país datam dos mais recuados períodos de nossa existência histórica. Fundaram os jesuítas nesta Cidade uma primeira versão das escolas de artes, isto é, do estudo e da transmissão e busca do conhecimento em seu Colégio da Bahia já no século XVI aberto exatamente em 1572, naturalmente destinado à formação filosófica e teológica mas já estendendo a vista ao campo das línguas e das literaturas e até às pioneiras etnologia, história, oratória sacra, poesia, de que dão testemunho os que escreveram e nos legaram alguns daqueles alunos, como foram Anchieta, Gregório de Matos e Guerra, Padre Antonio Vieira, Frei Vicente do Salvador, Bento Teixeira... Essa primeira tentativa de criar o núcleo central e basilar da universidade frustrou-se ante a determinação da metrópole de não lhe reconhecer os títulos, na ordem de medidas idênticas quanto à imprensa, às bibliotecas, às agremiações intelectuais. Contrastava essa política centralista metropolitana, que só admitia estudos superiores em sua gloriosa Coimbra, com o espírito mais liberal da corte Universitas. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

espanhola que já no quinhentos dava lugar à fundação da Universidade de São Marcos, em 1551, no Peru e logo às do México e El Salvador.

Abre-se neste passo um capítulo, que nossa Universidade deverá explorar e aprofundar para a história da idéia da Universidade no Brasil e do interesse pela fundação de uma Universidade "neste Estado". O Colégio de Artes da Bahia, antes referido, fora pensado pelo Pe. Manoel da Nóbrega cerca de 1555, mas só veio a funcionar, como assinalado, 17 anos depois. Mas a Câmara da Bahia já em 1662 dirige-se a S.M. o Rei de Portugal pleiteando a instalação de uma Universidade nesta Cidade do Salvador. Apesar de sua insistência nesse sentido, no ano seguinte, e ainda, em 1671, prevaleceu o parecer contrário da Universidade de Coimbra. Entretanto, o núcleo por assim dizer inicial dessa organização, funcionando sob a iniciativa e a direção dos jesuítas, regulava-se, em seus Studia Generalia, pelo Estatuto Geral das Universidades em vigor no Reino, na concessão de títulos como o de Mestre em Artes nos cursos de Letras, depois em Artes, as chamadas "artes liberais" ou de Ciências Naturais, que compreendia a Filosofia, a Matemática.

Assim, no Brasil-colônia os estudos avançados foram um privilégio dos seminários eclesiásticos dos jesuítas que persistiram nalgumas cidades, alguns extintos em 1759 com o banimento da Companhia de Jesus. Na Bahia, entretanto, somente no século XVIII conseguiu o Arcebispo autorização para estabelecer o Seminário de São Dâmaso.

As bibliotecas abertas às idéias inovadoras e revolucionárias, políticas e filosóficas, escondiam-se nos conventos e nas casas de clérigos, de poetas, de líderes populares e nas lojas maçônicas para se protegerem da fiscalização dos governos da época e dos agentes de Lisboa e de Evora. Foi daqueles lugares que vieram para a rua e contaminaram nosso povo os ideais da independência e da liberdade política, do anti-absolutismo e mesmo já de democracia e repúblitas. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

blica, hauridos em livros proibidos de pensadores europeus para a revolta dos alfaiates, a primeira revolução social no Brasil, em 1798.

Foi, por sua vez, de um baiano, José da Silva Lisboa, vindouro visconde de Cairu, a proposta ao príncipe Dom João de instituir no País os primeiros cursos adiantados de economia e de comércio, numa visão que rompia com as estreitezas colonialistas da economia política da ocasião. É daí que resulta para nós abertura dos portos, quebrando, embora imperfeitamente, o monopólio das importações lusitanas.

A idéia da universidade encontraria, apesar de tudo, explícitas e, às vezes, discretas resistências em nosso País. A iniciativa da criação da Universidade do Rio de Janeiro ainda no Império fracassaria nessa oposição alimentada na intelectualidade da época pela influência do temor de uma anacrônica pedantocracia, como da metafísica da universidade e do materialismo acadêmico. É contra tal pensamento, acusando explicitamente a doutrina pregada pelo Apostolado Positivista na palavra ardente de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, que na Bahia, já em 1909, se levanta a voz de Isaías Alves de Almeida numa série de oito eruditos artigos no Diário de Notícias sob o título de "As Universidades". O futuro fundador da Faculdade de Filosofia da Bahia, ainda quartanista de Direito àquele tempo, faz uma detida análise do regime de escolas isoladas mostrando que para eficácia de todo o processo educativo desde a escola elementar era imperativo o regime da universidade. Discorre longamente, apoia-se em educacionistas europeus, sobretudo franceses e alemães de então, quanto à preeminência dos estudos integrados na universidade sobre o preexistente regime de escolas superiores isoladas e profissionais. Nessa série de desafios abertos aos discípulos brasileiros de Comte, alia-se a Ruy Barbosa em vigorosa argumentação. Vem a ser mais tarde o analista dos métodos pedagógicos de Abílio Cesar Borges e de Ernesto Carneiro Ribeiro, dedicando todo um livro, a seguir, *Universitas*. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

à vocação de Ruy para a educação e nos seus últimos anos heróicos de penosa existência consagra Dante Alighieri, o altíssimo poeta florentino, como o luminoso educador do milênio que transcorria e que neste decênio se finda com interrogações angustiadas sobre o encerramento da história e os destinos da humanidade. As idéias dominantes ao tempo daquele jovem precursor, ainda hoje mal conhecido, não são facilmente assimiladas. Ainda dois decênios depois de seu precôncio da universidade composta de cursos e escolas indagadores da ciência, debate-se nesta nossa terra e duvida-se de que o ensino superior possa e deva abrir-se à indagação, à pesquisa, à busca de saber em vez de reflexo transmissor do conhecimento adquirido em meios mais adiantados. Trava-se a respeito um debate nas páginas do jornal A Tarde entre cate-dráticos da Faculdade de Medicina, - Magalhães Neto, Estácio de Lima e Mario Leal.

Não vingara ainda a convicção de que a universidade seria o lugar e o espaço do ensino esclarecido e atualizado pela associação entre as ciências e as humanidades e pela pesquisa da realidade a que se aplicava. As famosas Reformas do Ensino, desde Rivadavia Correia a Rocha Vaz, este ainda nos finais anos 20, laboravam rotineiramente na melhoria das funções e do papel das faculdades separadas e empenhadas em certo sentido napoleônico à formação dos quadros profissionais e da alta burocracia. Custaria a voltar-se o Brasil para os princípios educativos e escolares inovadores, no momento, de Wilhelm von Humboldt, fundador da Universidade de Berlin no começo do oitocentos, e de John Henry Newman, autor do famoso livro The Idea of a University (1852), intérpretes naquela altura e atualizadores da tradição multissecular de Bolonha, de Paris, de Oxford, de Goettingen, Iena. Quando traçou, em linhas nítidas e adiantadas, os planos de ação de sua Faculdade de Filosofia, agora completando meio século de luta porfiada por seguir esse iluminado roteiro, Isaías foi buscar inspiração, entre ou Universitas. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

tros mestres, em original e pessoal interpretação do filósofo da educação John Dewey, de quem se fizera discípulo no mestrado do Teacher's College da Columbia University em 1931. Essa Aula Magna na inauguração dos cursos da Faculdade em 15 de março de 1943, sobre a missão nacional e humana do inovador estabelecimento, é também uma lição sobre o papel dos cursos fundamentais da universidade em que, a modo do que já dizia em 1909, o estudante ao mesmo tempo se inicia no treinamento profissional especializado, inclusive da educação, e nos saberes universais da ciência, das humanidades, das artes. Argumentava então: o ensino deve ser prático, aplicado, "Mas o doutor em medicina ou em direito, o bacharel em matemáticas, o investigador dos arcanos misteriosos da mecânica, da fisiologia, do espírito do direito, da psicologia, das leis da sociologia nascente; os obreiros da ciência que progride indefinidamente, a estes é mister abrir os grandes arsenais modernos, as colossais universidades de que dimana a luz para aclarar os espíritos dos combatentes da vida prática".

Num daqueles escritos havia advertido, como a ouvir retardadas vozes:

"A teoria importaremos da Europa, aplicando-a às artes e indústrias, e teremos ganho e acumulado capital".

E logo juntara no primeiro dos ensaios:

"Não sei se a frase dirá assim textual, mas vamos antecipar a sua análise. Tornar-nos-emos os automatizados que executam, sem a consciência da sua ação benéfica, os ditames dos pensadores estrangeiros".

Nessa abertura da discussão a que se propunha afirma, sem vacilação, que "se queremos manter ou criar em nossa pátria verdadeiros cultores da ciência, nenhum caminho melhor do que o regime universitário".

"E se temos verdadeiro culto pela ciência, se lhe benedizemos a obra civilizadora, não poderíamos deixar de guiar a mocidade para os altos conhecimentos, os intrincados pro Universitas. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

blemas científicos em cuja resolução se fortalece o cérebro, do mesmo modo que no superficialismo decorrente, citando Jordan, da progressiva facilidade dos estudos e em mal compreendidas igualdades, firma-se o regime da mediocracia".

Somente nos anos 30, com o debate sobre a escola nova e a fundação das Universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro por Armando Sales Oliveira e Anísio Teixeira, ganha terreno a idéia da substituição das faculdades atomizadas pela integração das mesmas no esquema da universidade. Para tanto contribui poderosamente o esclarecido espírito de Fernando de Azevedo e de alguns outros pensadores paulistas aos quais se associa Anísio Teixeira. Na memorável aula magna Isaías mostra como as Faculdades de Filosofia têm a função de abrir as mentes dos que ingressam na universidade para os problemas humanos e intelectuais das carreiras que seguirão. A Universidade da Bahia, mais tarde Universidade Federal da Bahia, deriva da Universidade do Brasil e da aceitação dos novos princípios educacionais de que nos fala, com sua admirada eloquência e talento, o baiano Pedro Calmon na solenidade da instalação, em ato brilhante no salão nobre da Faculdade de Medicina: do novo sistema e da nova organização. Nessa fala, o insigne historiador e biógrafo baiano registrava que aquela cerimônia era "a chave magnífica de uma longa batalha, de história secular, pela criação em nosso meio de um instituto de cultura digno da inteligência baiana e de suas tradições". Na memorável sessão falaram ainda o ministro da Educação, Souza Campos, representando o presidente da República, Gal. Eurico Gaspar Dutra, e o primeiro e esclarecido Reitor, Edgard Santos, que no momento assumia o cargo já empossado no Ministério da Educação a 26 de junho anterior cumprindo o Decreto-Lei nº 9.155 pelo qual se criara a Universidade a 8 de abril.

Aqui nos reunimos, a Reitoria, o Conselho Universitário e demais colegiados, as Congregações e Diretorias de unidades, o professorado e estudantado, estes com seus Dire

Universitas. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

tórios, representantes do Governo do Estado para dar início ao cumprimento do programa avisadamente organizado pelo Magnífico Reitor Rogerio Vargens para examinar os trabalhos, as realizações, os êxitos e as dificuldades e escolhos que no período houve nossa alma mater que viver e superar para os desígnios que a motivam. Acontece isso num momento de perplexidades a plano nacional quanto aos destinos da Universidade brasileira, a dependerem, entre outros condições, do sentido, da filosofia, da própria redação da nova Lei de Diretrizes e Bases e da posição das administrações públicas e das próprias universidades e de todo a estrutura do ensino em face do relevante problemática da educação em conjunto como um fator primacial de nossa consciência e consistência nacionais. E isto será ocasião para responder nossa Universidade ao desafio de uma sua nova história que traça ao presente o que se registrou em 1956 nas páginas de Raízes Históricas da Universidade da Bahia o historiador baiano Alberto Silva. A tarefa desafiante de uma retomada dessa crônica há de ser uma tentativa de respostas, dúvidas e perguntas levantadas desde aquela época. Nesse reexame há de notar-se a série e a natureza de vicissitudes que tem experimentado a idéia de educação e particularmente a de universidade no Brasil ante determinantes da concepções próprias nossas e de influências da conjuntura interamericana dos decênios posteriores à II Grande Guerra, culminando na atual dificuldade de concluir a nova Lei de Diretrizes e Bases e de definir a posição e o papel, as responsabilidades e o desenho das funções do sistema universitário impreciso e atordado que vivemos. A reforma de 1968 padece dessas contradições em sua aplicação às condições brasileiras do momento de crise institucional que se prolonga dos anos da pós-Guer^{ra} a nossos dias.

Nenhum problema tão sério para nosso povo do que este de conceituar a educação como primeiro destinante de nossa identidade e caráter como nação desejosa da soberania, da Universitas. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

justiça social, da democracia. Não será demasiada mostra de etnocentrismo anotar quanto à Bahia cabe nessa análise, pois foi a Bahia uma das vozes mais expressivas no debate dessa questão. Foi o baiano Joaquim Abílio Borges, filho, discípulo e continuador da obra pedagógica de Abílio César Borges, o barão de Macaúbas, quem ainda cerca de 1912 fez vigir a Universidade Nacional do Rio de Janeiro com cursos de Ensino Superior de diversas disciplinas. O pensamento desse pedagogo em diversas publicações será uma das buscas a empreender-se no intento de conhecer a concepção e estrutura do sistema universitário na época. Outras intervenções na matéria dizem do empenho de nossos pensadores no tocante à questão. Quando, nos finais anos 20, a Associação Brasileira de Educação promoveu um inquérito sobre o tema (veja-se a publicação O Problema Universitário Brasileiro, Edição A Encadernadora S.A., S. José, 30, Rio 1929) pelo menos quatro estudiosos baianos participaram naqueles debates com modos de ver e pontos de vista merecedores de atenção. Expressavam-se respondendo a vultos do porte de E. Labouriau, Edgard Roquette-Pinto, Vicente Licínio Cardoso, Raul Leitão da Cunha, Pandiá Calogeras, Levi Carneiro, Azevedo Amaral, Domingos Cunha, opinando com experiência em abordagens paralelas às de Venâncio Filho, Gilberto Amado, Hêlio Lobo, Amoroso Costa, Rodrigo Otávio, Tristão de Ataíde... Foram Bernardino José de Souza, Caio Moura, Paulo Pedreira, Isaías Alves.

Cabe a Isaías manifestar na ocasião sua conceituação do papel, do programa didático, da precípua função da Faculdade de Filosofia voltada para a Educação, as Letras e Humanidades, a História, delineando já o que realizaria por meio da Faculdade que veio a compor esta Universidade. Mas o que vale ressaltar é quanto à temática da universidade e da superação do esquema chamado federativo de Escolas Superiores dominou as preocupações dos brasileiros até que vingasse realmente a Universidade.

Na constelação nacional e baiana dos vultos apostados Universitas. Salvador(40): 5-17 jul./dez. 1991

na porfia pela qualidade e eficácia do ensino e da investigação ao nível de nossos currículos fulgura mais uma vez Anísio Teixeira. Culminam seus estudos e indagações justamente no que tange ao lugar da universidade em nosso sofrido e precário plano de educação. Nas páginas de seu último e concludente livro Ensino Superior no Brasil, editado postumamente em 1989, atualiza com argúcia e autoridade a evolução daquele ensino até 1969, poucos anos antes de nos deixar, pondo em relevo a própria formação do professorado respectivo na pós-graduação. Sua voz repercutiu com tal força quanto a toda a educação desde a primária, que considerava a determinante inevitável de qualquer esforço formador do homem e do cidadão, que Luis Viana Filho quis dar à biografia desse grande baiano o expressivo título de "a polêmica da Educação", a traduzir as lutas em que se enajou corajosa e talentosamente esse pequenino e gigantesco filho de Caetitê.

A questão continua polêmica e penosa, desafiando o discutido Ministério da Educação, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - no qual a Bahia tem significativa participação -, a Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC) e outros respeitáveis e atuantes organismos. Assim como Nobrega e Anchieta consideravam que sua empresa era a conquista espiritual dos brasilíndios, havemos de tomar, como nossa, a partir deste chamamento do Reitor Rogerio Vargens e de toda a nossa Universidade Federal da Bahia, a empresa da educação no País visando particularmente a Bahia e não perdendo de vista as conexões estruturais imperativas dos estudos ditos superiores para com os elementares e secundários, condição essencial do êxito e da excelência daquilo em que, a partir deste edifício e salão, nos ocupamos há quarenta e cinco anos.

ABSTRACT

The celebration of the foundation of the University
Universitas. Salvador(40): 5-17, jul./dez. 1991

of Bahia occurred 45 years ago, requires that one looks back to the first steps at the Brazilian colonial period that precede and predict the event.

Since the sixteenth century there are registers of efforts towards the installations of a University in Brazil, precisely in Bahia. The first effective actions, in this particular direction, was realized by the Jesuits led by "Manoel da Nobrega" with the College of Bahia, School of Arts in 1572, followed by efforts of the "Camara da Bahia" during the middle of the next century towards the creation of the complete University. The frustrating tentatives and debates about the subject until the effective institution of the University of Bahia in 1941 is examined in this talk.